

## HISTÓRIA DE UMA LEITORA EM FORMAÇÃO: É PRECISO PERSISTIR

Josilene de Souza Santos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
jrastoldo@yahoo.com.br

### RESUMO

Este trabalho é um recorte de minha pesquisa de mestrado, intitulada *Práticas de leitura e escrita na educação de jovens e adultos: como formar leitores e escritores?* – Vinculada à Linha de Educação Inclusiva e Processos Educacionais do Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O presente estudo teve por objetivo investigar as práticas pedagógicas de leitura e escrita — desenvolvidas em uma classe de um programa de educação de jovens e adultos (PEJA I, Bloco II) oferecido em escola municipal pelo poder público, no turno da noite, em um semestre letivo. Observei sistematicamente e verifiquei as práticas pedagógicas de leitura e de escrita desenvolvidas por um professor de anos iniciais do ensino fundamental, com alunado alfabetizado, entendendo que, neste Bloco, dever-se-iam dar atividades de consolidação / continuidade da formação de leitores e escritores. A Metodologia, de natureza qualitativa, dispôs de instrumentos como: diário de campo, entrevistas semiestruturadas e uma ficha de perfil dos sujeitos da pesquisa. Entretanto, para este trabalho, apresentarei somente a *entrevista semiestruturada* realizada com Jéssica, já que optei por retratar a sua história de vida, que representa a realidade verídica dos sujeitos da EJA. Oriunda de uma família humilde de Alagoas, aos 12 anos de idade foi obrigada a abandonar a escola para acompanhar sua mãe no trabalho, e ajudá-la no sustento da família. Por meio da entrevista foi possível conhecer um pouco de sua trajetória escolar descontínua e da esperança de retomar os estudos, e frequentar as aulas como podia. Deixou a sua cidade no estado de Alagoas, e veio morar na casa de sua irmã no Rio de Janeiro, acompanhada de suas primas. Assumiu o compromisso de ajudar a cuidar dos sobrinhos e não imaginou que isso atrapalharia os seus estudos. Não poderia deixar de cumprir com a palavra, mas precisava ter uma conversa definitiva sua irmã para entrarem em um acordo, sem prejudicar suas vidas. Entrevistar Jéssica foi um privilégio, pois conhecer a sua história e todos os obstáculos que enfrentara para continuar os estudos são admiráveis e relevantes na defesa do aprender por toda a vida. A personalidade de Jéssica caracteriza a garra de uma mulher que venceu e continuou vencendo todos os empecilhos para poder estudar. A doçura nas palavras a define. A alegria de se tornar leitora e escritora (formal) é o seu objetivo.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos; Formação de Leitores e Escritores; História de Vida.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte de minha pesquisa de mestrado, intitulada *Práticas de leitura e escrita na educação de jovens e adultos: como formar leitores e escritores?* e teve por objetivo investigar as práticas pedagógicas de leitura e escrita propostas pelo professor de anos iniciais do ensino fundamental — desenvolvidas em uma classe de um programa de educação de jovens e adultos (PEJA I, Bloco II), com alunado alfabetizado, entendendo que, neste Bloco, dever-se-iam dar atividades de consolidação / continuidade da formação de leitores e escritores. A partir de tal

investigação, procurei entender os processos de aprendizagem da leitura e da escrita desses sujeitos sociais, não experientes no uso da cultura escrita, cujo caminho é acompanhado de dificuldades e de estigmatizações que, muitas vezes, os desmotivam a penetrar neste universo.

A Metodologia adotada, de natureza qualitativa, dispôs de instrumentos como: diário de campo, entrevistas semiestruturadas e uma ficha de perfil dos sujeitos da pesquisa. Entretanto, para este trabalho, apresentarei somente a *entrevista semiestruturada* realizada com Jéssica, já que optei por retratar a sua história de vida, que representa a realidade verídica dos sujeitos da EJA. Por meio da entrevista foi possível conhecer um pouco sobre a sua trajetória escolar.

As entrevistas priorizaram os sujeitos da pesquisa (os alunos) e não a professora e os demais profissionais da instituição. A opção é justificada pelo objetivo da pesquisa – investigar práticas de leitura e escrita a partir da escola, percebendo se estas tinham vínculo com cotidiano dos sujeitos, e se eles, independentemente do grau de escolaridade, se reconheciam como leitores e escritores.

## O ROTEIRO

A construção de um *roteiro* tomou como base meu diário de campo com o registro das observações que vinha fazendo. De acordo com Mazzotti, Gewandsnajder (1998, p. 168) “[...] as entrevistas qualitativas são muito pouco estruturadas, sem um fraseamento e uma ordem rigidamente estabelecidos para as perguntas, assemelhando-se muito a uma conversa”. De acordo com esta orientação, as entrevistas seguiram um *roteiro* para guiar as perguntas, sem que estas estivessem “presas a uma camisa de força”, empobrecendo as falas dos sujeitos. Segue-se meu roteiro:

| LEITURA  | ESCRITA   |
|--|---|
| Você gosta de ler? O que você mais gosta de ler? Você prefere quando a professora lê para a turma ou prefere ler sozinho(a)?   | Você gosta de escrever? O que você mais gosta de escrever? E de copiar do quadro você gosta?                            |
| Na sua casa costuma ter jornais? Tem livros? Tem revistas? Você gosta de ler jornal? E revista? O que mais tem em sua casa que serve para ler? Você vê jornal na TV? Você lê todos os dias? Na sua casa tem computador? Você usa? Usa a internet? Onde? Em casa ou vai à <i>lan house</i> ? Lê e-mail? | Você escreve todos os dias? Escreve e-mail? Entra em <i>blog</i> , em <i>chat</i> , no <i>Orkut</i> , <i>Facebook</i> ? |
| Aprender a ler é fácil ou difícil, na sua opinião? Por que?  | E escrever, é fácil ou difícil? Por que?  |
| Você gosta das leituras/textos que a professora traz para a sala de aula? De quais você gosta mais? E de   | Você gosta de fazer as atividades que a professora passa? De quais você gosta mais? E de quais não                      |

|  |  |
|--|--|
| quais não gosta?   | gosta? Você sente vontade de escrever a sua opinião sobre os assuntos da aula? |
| Você também lê esses e outros textos/livros em casa? Se não, o que você lê?  | E escrever em casa? O que escreve?   |
| Você quer aprender a ler para que?   | Você quer aprender a escrever para que?  |
| Você gosta de ajudar o colega a ler?   | Você gosta de ajudar o colega a escrever?                                      |
| <b>LEITURA / ESCRITA</b>   |  |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• As atividades novas de leitura e de escrita são explicadas pela professora passo a passo?</li> <li>• Você gosta de dar a sua opinião sobre a aula para todos ouvirem?</li> <li>• De que você gosta mais: ler, escrever, fazer trabalho sozinho, em grupo ou com um colega?</li> <li>• Se você fosse a professora, o que traria para os alunos lerem?</li> <li>• Você acha que sabe ler melhor depois que chegou à escola, ou sabe o que sabia antes? E escrever? Sabe mais ou igual?</li> <li>• Se eu perguntasse a você que nota sua leitura merece, quanto você daria, de 0 a 10? E sua escrita?</li> </ul> |  |

Quadro: Roteiro de entrevista semiestruturada com alunos

Fonte: O Autor

Para a realização das entrevistas estabeleci critérios de seleção dos alunos:

- Assiduidade;
- Gênero;
- Participação em sala de aula.

Os critérios de seleção dos sujeitos foram definidos para ajudar a responder as questões da pesquisa e enriquecer a investigação. A partir deles, entrevistei quatro alunos: dois homens e duas mulheres, que frequentavam com maior assiduidade as aulas e que participavam trazendo dúvidas, críticas e posicionamentos.

Cabe ressaltar que nas transcrições efetivadas tentei ter o cuidado de preservar com fidelidade os pontos de vista dos sujeitos e suas expressões, para que a pesquisa ganhasse credibilidade. O objetivo, ao ouvi-los, era deixar que se expressassem livremente. Todavia, apesar dos cuidados, não foi possível descrever de forma exata o que foi expresso durante uma conversa ou observação. A complexidade dos gestos, pensamentos e afirmações demonstradas são únicas e a percepção do pesquisador é insuficiente para captar todas essas singularidades. Nessa perspectiva, Mattos (2001, p. 9) salienta o desafio do pesquisador em descrever os sujeitos da pesquisa, os outros, por meio de observações, anotações e entrevistas. A autora diz que o desafio está em passar para o papel o pensamento do outro e não o que se pensa do outro:

Ao tentarmos escrever sobre o outro, o ethnoe, de uma maneira em que o ponto de vista dele seja considerado, estamos tocando num ponto frágil da utilização da

abordagem etnográfica: a tentativa de fazer sentido, das maneiras de organização dos outros de um modo que não seja comprometedor, não seja invasor, não seja discriminatório, não seja opressor, ou não seja excludente.

## **TRAJETÓRIA DE JÉSSICA: PERSISTÊNCIA NOS ESTUDOS**

Jéssica, ao relatar sua trajetória escolar descontínua, devido à necessidade de acompanhar sua mãe no trabalho, e ajudá-la no sustento da família, foi obrigada a abandonar os estudos aos 12 anos de idade. Segundo Jéssica, o início dos estudos, aos oito anos, já acontecera “tardamente”, em comparação à idade “natural” da chegada das crianças à escola. O compromisso de ajudar a mãe e a irmã foi o motivo pelo qual ela se manteve afastada durante anos da sala de aula.

Quando Jéssica deixou sua cidade no estado de Alagoas, e veio morar no Rio de Janeiro, acompanhada de suas primas, encontrou dificuldades para se matricular em alguma escola. Como ainda era menor de idade, com apenas 13 anos e sem documento de autorização dos responsáveis para realizar a matrícula, precisou retornar à sua cidade para conseguir algum comprovante que lhe permitisse voltar a estudar.

Para Jéssica, essas idas e vindas de um estado para o outro atrasaram ainda mais seus estudos. Com 13 anos de idade e em um espaço não escolar – o salão de uma igreja evangélica — incorporou-se àquelas pessoas frequentadoras dos cultos: “Quando eu comecei a estudar no Rio, eu estudava não era em nenhuma escola, era na Igreja Universal. Eles gostavam de ensinar pras pessoas que frequentavam a igreja. Lá na Avenida Nossa Senhora da Penha”. Depois de alguns meses, matriculou-se em uma escola municipal que oferecia educação de jovens e adultos. Todavia, precisou procurar outra escola que oferecesse ensino fundamental completo, pois a anterior passou a ser estadual e oferecer o ensino médio.

A partir desse fato, Jéssica novamente tentou matricular-se em uma escola e foi impedida devido à ausência de vagas, em meados do ano. Só conseguiu vaga no ano seguinte e estuda aproximadamente há três anos na escola. Entretanto, sua trajetória escolar continuou descontínua. Ela assumiu o compromisso de ajudar a cuidar de seus sobrinhos e não imaginou que isso atrapalharia seus estudos.

A situação escolar de Jéssica tinha previsão de se regularizar no ano de 2012 e enquanto não se resolveu, ela frequentou as aulas como pôde. Não podia deixar de cuidar de seus sobrinhos sem ter uma conversa definitiva com sua irmã. Havia necessidade de um planejamento para não prejudicar sua própria vida, nem a de sua irmã.

Com relação à leitura, perguntei se ela gostava de ler, e do que mais gostava de ler, e se preferia quando a professora lia para a turma ou quando lia sozinha. Jéssica mencionou o seu interesse pela internet. Disse que gostava de ler notícias de seu estado, os acontecimentos pelo mundo e saber se algum conhecido fora preso. Para Chartier (1994), o texto na tela permite “novas formas de ler” e Jéssica atribui importância ao suporte eletrônico, uma vez que nele realiza suas leituras, visualiza imagens de seu interesse, escreve o que procura e mantém contato com a leitura e a escrita, sem estar em sala de aula. Jéssica parece compreender que a leitura e a escrita não estão restritas à escola. Os empecilhos de ir à aula todos os dias não a “isolavam” do mundo da leitura e da escrita, apesar de comprometerem seu aprendizado. A busca por leituras e a prática de escritas em seu dia a dia a mantinham em contato com essas práticas e “amenizavam” sua ausência da escola.

O comportamento reservado da aluna a mantinha “distante” dos colegas e da professora. Não participava durante os debates, não opinava, e raramente ia até a mesa da professora tirar alguma dúvida. De acordo com Jéssica, o seu jeito de ser melhorara muito. Não esboçava nenhum interesse em fazer amizades e interagir com a turma. Com o passar do tempo, foi-se aproximando e gostando de criar novos laços de amizade. A personalidade não mudou e, sim, algumas portas “entreabertas” foram deixadas.

As propostas de atividades em grupo não eram bem recebidas pela aluna. Ela preferia fazê-las sozinha e sem a interferência de ninguém. Não se opunha quando a proposta era coletiva, até participava, mas não era esta sua preferência.

As leituras trazidas pela professora agradavam – especialmente questões históricas; a formação do povo brasileiro; e a escravidão de índios e negros. Para a aluna, eram assuntos interessantes e que despertavam curiosidade. Compreender fatos reais e todo o processo histórico era uma novidade. Uma realidade desconhecida e que gerava interesse.

O significado da leitura e da escrita foi definido como essencial. Segundo Jéssica, a pessoa que não sabe ler e escrever “não é nada” e ainda complementou dizendo que “o mundo é fechado” para aqueles não dominantes do código escrito. As expressões “a pessoa não é nada” e “o mundo é fechado”, ditas por ela, está atrelada à impossibilidade de realizar tarefas simples, cotidianas, e que dependem de terceiros para serem executadas. De acordo com Galvão, Di Pierro (2007, p. 24):

Os sucessivos constrangimentos e experiências de discriminação levam à corrosão da auto-estima dos indivíduos, que acabam assumindo a identidade deteriorada e assimilando ao próprio discurso as metáforas depreciativas formuladas pelas elites letradas e difundidas pelos meios de comunicação social [...] dentre as quais a mais

recorrente é aquela que identifica o analfabetismo à “escuridão” da “cegueira”, o analfabeto ao “cego”, e a alfabetização à redentora “retirada da venda dos olhos” e saída das “trevas da ignorância”.

Os inúmeros constrangimentos que uma pessoa pouco, ou não escolarizada, sente em situações rotineiras, determinam o valor do aprendizado da leitura e da escrita demarcado pela aluna:

Porque a pessoa sem saber ler e escrever... a pessoa... eu acho que não é nada! (silêncio). Imagina você tá num lugar e não saber ler? Vai escrever um texto que você não sabe escrever? Vai preencher uma ficha e não sabe. Isso já aconteceu comigo. Passei por isso já, inclusive foi uma ficha que eu fui fazer, eu fui fazer eu acho que foi um... cartão da Leader e na hora que eu fui fazer o cartão, aí me deram o cartão de outra loja. Só que quando eu fui procurar essa ficha ali, aí pra mim poder... é... ter acesso a ele e fazer o pagamento, eu tive que preencher uma ficha completa. Não era obrigatório, mas, pô, tinha que preencher direitinho e tal. Eu vi que tinha muita dificuldade. Coisa simples, mas deu uma dificuldade na hora ali, de negócio de CPF daqui, tal que ano, essas coisas assim. Eu tive que pedir explicação à moça porque dali eu não lembrava nada. Por isso que tá na escola você não esquece das coisas. Por isso que aprender a ler e a escrever é sempre bom. Por isso que você tem que estar na escola. É porque você não tá na escola aprendendo, você fica nesse mundo aí, não vai pra frente, só pra trás. Tudo tem dificuldade. Se você não souber ler direitinho com o professor, você fica confusa, você entra ou você sai.

Quando há o domínio dessas práticas sociais não há discriminação. Os sentimentos de vergonha e inferioridade não afloram como ocorre com aqueles não dominantes do código escrito. Por muitas vezes, Jéssica se sentiu incapaz de realizar tarefas simples por não entender o sentido daquilo que estava lendo. Não conseguia interpretar o assunto e, por sua vez, não compreendia o que lia.

O sentimento de impotência diante de dificuldades em ler com sentido provocava na aluna um receio de se “expor”, ao opinar sobre algum assunto e interagir com outras pessoas. A vergonha de não ser uma leitora proficiente era desencadeada pelo preconceito. O olhar, os questionamentos e as acusações por estar estudando em “série de criança” aconteciam constantemente:

A minha série? Eu tô na quarta série. Aí elas falaram... por pouco eu não fui aprovada. Acho que só foi por causa disso porque elas ficaram pensando... tipo assim, ah sei lá, nessa idade tá na quarta série ainda? Às vezes dá vergonha sim! Você falar pras pessoas que série você tá porque essa série é de criança. Pra mim é pra criança pequena e tal. Nessa idade, ainda tá nessa série, ainda... é difícil!

Jéssica relata que esse constrangimento ocorreu quando foi fazer um cartão e as vendedoras ficaram “espantadas” e desconfiadas do seu grau de escolaridade. Os olhares denunciavam o preconceito e o mal estar tomou conta de Jéssica que se sentiu humilhada por ainda estar no ensino



fundamental. Ela ainda complementou que o sentimento de inferioridade era tão forte que chegou a mentir com relação à série:

Às vezes, a dificuldade que a gente tem é isso, porque as pessoas perguntam em que série você está e ficam com pena. Às vezes eu tenho que dar uma mentida, um pouco. Quando eu comecei... quando eu namorei com o meu namorado, eu falei pra ele a série que eu estava depois de dois meses. Aí ele queria ver o caderno, aí queria ver, sabe... aí eu escondia dele.

É interessante ressaltar que a fala de Jéssica é incorporada e legitimada por um discurso excludente, em que ela própria reforça o preconceito. O receio de como o namorado receberia a notícia de que ela não havia concluído os estudos na “idade certa” fez com que ela mentisse, para não “correr o risco” de seu relacionamento acabar e, também, para não ser humilhada mais uma vez.

Escrever não era algo simples. Havia dificuldade em escrever certas letras e palavras. Quando as palavras eram curtas, a dificuldade era amenizada, porém palavras longas complicavam. Palavras escritas separadamente eram mais “fáceis”, assim como eram mais difíceis determinados textos, como a escrita de uma carta. Salientou também o ritmo de sua escrita. Disse que escrever como “todo mundo escreve” ela ainda não conseguia. Escrever com rapidez e sem “errar” letras e palavras compunha o imaginário de escrita competente da aluna. Não só o dela, mas de grande parte da sociedade, que legitima o sujeito leitor e escritor àquele que “não gagueja”, “não atropela as palavras”, “escreve com uma velocidade considerável” e “não erra demasiadamente durante a escrita” como costumam se referenciar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entrevistar Jéssica foi um privilégio, pois conhecer a sua história e todos os obstáculos que enfrentara para continuar os estudos são admiráveis e relevantes na defesa do aprender por toda a vida. Quando detalhou sua trajetória escolar e sua vontade de querer, a cada dia, aprender e aperfeiçoar o que já aprendera, senti uma forte motivação em escrever e divulgar sobre tudo que havia ouvido, sentido e observado.

Não há como negar tal força de vontade, pois ainda na condição de pouco escolarizada — evidenciou em seu depoimento a “sede” de aprender e de não mais interromper os estudos. O desejo de estudar não esmoreceu diante da vida difícil e a persistência, a fez voltar à escola e retomar o que havia sido obrigada a deixar.

Jéssica reconhecia que a prática pedagógica da professora contribuía para o processo de aprendizagem da turma, já que as atividades de leitura e escrita aproximavam-se da realidade e do cotidiano dos sujeitos e de suas histórias pessoais, vinculando-as à história da formação do povo brasileiro e da produção da desigualdade, ultrapassando a visão conteudista e asséptica com que os currículos, em geral, organizam os saberes escolares.

De fato, acontecia uma troca entre alunos e professora. O diálogo era marcante em sala de aula e a prática da oralidade era incentivada constantemente, ora pela professora, ora pelos próprios alunos.

A personalidade de Jéssica caracteriza a garra de uma mulher que venceu e continuou vencendo todos os empecilhos para poder estudar. A doçura nas palavras a define. A alegria de se tornar leitora e escritora (formal) é o seu objetivo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARTIER, Roger. Do códex à tela: as trajetórias do escrito. *In*: \_\_\_\_ A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília, DF:UNB.

GALVÃO, Ana Maria de O., DI PIERRO, Maria Clara. **Preconceito contra o analfabeto**. São Paulo: Cortez, 2007.

MATTOS, Carmem Lúcia G. de. A abordagem etnográfica na investigação científica. **Revista INES-ESPAÇO**, Rio de Janeiro. n. 16, p. 1-11, jul./dez. 2001.

MAZZOTTI, Alda Judith A.; GEWANDSNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Ed. Pioneira, 1998.